

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série Mundaréu na Colômbia

Episódio #1: Nos hermanamos con la época

Transcrição do episódio: Maxie Viana

Revisão da transcrição: Maxie Viana e Daniela Manica

Roteiro: Irene do Planalto Chemin

Legenda

BLOCO

TRILHA SONORA

Vinheta de abertura: “Bruja” de La Perla

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, como tambores alegres e maracas, criando um ritmo pulsante e hipnótico. Voz feminina intensa e cadenciada, carregada de força e misticismo

Mama, a mí me decían la bruja...

Mama, a mí me decían la bruja ...

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

ABERTURA

Irene: Bienvenidas ao Mundaréu na Colômbia, uma série de 5 episódios onde iremos conhecer o trabalho de antropólogas feministas colombianas que dialogam com os estudos sociais da ciência e

tecnologia, estudos descoloniais, relações étnico-raciais e de classe. Transitamos entre vários sabores, bordados... A gente conheceu mais sobre a luta pelo meio ambiente e sobre a resistência do povo colombiano.

Eu sou a Irene do Planalto Chemin, mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Labjor da Unicamp. Junto com a Daniela Manica e com a Clarissa Reche, em abril de 2024, fomos embora para Bogotá! Com a agenda cheia de entrevistas, que fizeram parte do nosso projeto de pesquisa “Um mundaréu de histórias: Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”, financiado pela FAPESP. Gracias, FAPESP!

Bogotá é uma cidade antiga e muito bonita, parece que a gente está no meio de um grande vale e no horizonte vemos longínquas cordilheiras de montanhas. Nos dias que a gente passou lá, tava um clima meio quente, entre muitos ventos e algumas chuvas.

A Universidade Nacional da Colômbia, na sigla UNAL, estava em greve estudantil, com apoio de professores e outros trabalhadores. As pautas da greve eram a autonomia universitária, contra a posse do reitor eleito, porque o movimento estudantil alegava fraude nas eleições. Os estudantes tinham ocupado a reitoria, tavam fazendo manifestações pela cidade... e o campus estava muito movimentado com assembleias, intervenções artísticas.. Eu e a Clarissa até participamos de um karaokê, kkkkk [“Sou vacinado, eu sou cowboy! / Cowboy fora da lei!]. Enfim, a gente foi pra UNAL mais pra dar uma volta e conhecer o campus. Olhamos, de fora, o predinho da Escola de Estudos de Género. Falaremos sobre essa Escola hoje. Vamos entrevistar ninguém mais, ninguém menos, que Mara Viveros Vigoya, importante antropóloga colombiana, com um trabalho de referência para os estudos de gênero e de raça na América Latina.

Mara Viveros: ¿O sea, como te digo, son pequeñas frases de personas dispersas en la historia, pero que me han hecho ruido, y que yo espero que pequeñas frases hagan ruido, ves? Y tengan resonancia, porque creo que esas cosas son importantes.

Irene: A Mara integra a Escola de Estudios de Género desde 1998, e desde 2016 é a sua diretora. Que honra poder entrevistá-la e contar pra você nesse episódio! Também vamos conhecer o Franklin Gil Hernandez, ele é doutor em antropologia pela UNAL e também colabora na coordenação da Escola de Estudos de Género.

Franklin: Bueno, yo soy Franklin, soy antropólogo de pregrado y de posgrado.

Irene: O Franklin foi orientando e fez pesquisas junto com a Mara, como a investigação “Raza, género

y ascenso social: la experiencia de las clases medias negras en Colombia”. O Franklin nos contou que ele nasceu em um pequeno povoado chamado Tarso, que fica no departamento de Antioquia.

Franklin: Tarso se llama, si, es un pueblo pequeño, en realidad, que muy poca gente conoce. Casualmente en mi pueblo hay dos antropólogos. No hay mucha gente que va a la universidad, pero hay dos antropólogos (risos).

Irene: De tantos antropólogos pelo mundo, o Franklin teve sorte de encontrar a professora Mara Viveros no Departamento de Antropología da UNAL.

Franklin: Pues yo tuve la fortuna de que cuando entré a antropología estaba Mara.

[Trilha sonora]

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criando um ritmo pulsante.

Irene: Também estávamos acompanhadas pela Tania Perez-Bustos, antropóloga e professora na Universidade Nacional da Colômbia. A Tania também é colaboradora na pesquisa “Um mundaréu de histórias: Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”, ela nos recebeu tão bem em Bogotá! Você vai ouvir a voz dela em vários episódios da nossa série. Como boa antropóloga, ela tava sempre anotando a conversa e pronta pra fazer perguntas ou ajudar na tradução.

Tânia: Yo tengo aquí mi celular porque estoy para tomar notas de todas las cosas inteligentes que van a decir.

Irene: Ah, sobre a tradução dos idiomas: nessa série, assim como na série do Mundaréu na Argentina, nossa aposta é que podemos ser bilíngues, nos entender em português e em castelhano, se a gente se ouvir com calma e pontuar a tradução de algumas expressões que forem mais difíceis de entender. Você também pode acompanhar o episódio lendo a transcrição completa, que tá na descrição do episódio.

[Trilha sonora e sonoridades urbanas]

Irene: Nos primeiros dias que a gente ficou em Bogotá, algumas regiões estavam com racionamento

de água. Incluindo a região onde eu, a Dani e a Clarissa estávamos hospedadas.

Daniela: Vai dar pra fazer xixi na Mara rsrs. Esse take inicial é “Colômbia no Antropoceno”.

Irene: A gente já chegou na casa de Mara Viveros pedindo pra beber água e pra fazer xixi, rsrs. A água foi, portanto, nosso primeiro assunto pra quebrar o gelo..

Daniela: Pra quebrar el hielo.

Mara: Sí, sí, sí, romper el hielo.

Daniela: Romper el hielo.

Irene: Essa é a voz da Mara. Ela, a Dani, e a Tânia, ficaram conversando até a gente se organizar com os fios e microfones.

[Som de água corrente]

Mara: Pues es que es muy terapéutico. Al sonido del agua...

Daniela: y proceso de aprendizaje modular el consumo.

Tânia: Ay, el agua es fundamental, pues somos agua.

Daniela: Sí.

Irene: Bem hidratadas novamente, a gente se acomodou numa grande mesa pra começar a entrevista. Estávamos animadas, prontas pra ouvir a Mara hablar mucho!!

[Trilha sonora]

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criando um ritmo pulsante.

BLOCO 1 - Hermana de su época, Mara Viveros Vigoya

Irene: A Mara começou sua trajetória acadêmica no curso de economia, na Universidade Nacional da Colômbia. Mas, desde o início, ela foi sendo instigada pela antropologia.

Mara: Bueno, mi trayectoria en la antropología comienza después de una trayectoria como economista, entonces no es inmediata, pero de alguna manera yo creo que fui una antropóloga empírica en la medida en que me sentía fuera de lugar en el departamento de economía, donde estudié en la Universidad Nacional y tenía mucha necesidad de encontrar como preguntas y respuestas distintas. Mi trabajo empezó en economía a preguntarse por el lugar de las mujeres en la floricultura colombiana. Era un momento en que las mujeres estaban siendo muy visibles en la floricultura colombiana, pero se seguía diciendo que ellas no participaban en la economía.

Irene: Pesquisando sobre o lugar das mulheres na floricultura colombiana, Mara foi percebendo que as correntes teóricas da economia, que ela tinha acesso na faculdade, não correspondiam tanto com seus interesses...

Mara: Entonces, desde ese fuera de lugar empecé a buscar como relaciones con otras personas. Y tenía un amigo antropólogo en la Universidad Nacional, Rodrigo Villar. Y Rodrigo Villar había comenzado Sociología en la Universidad Nacional y después estaba estudiando antropología en la Universidad de Los Andes. Su familia tenía una industria floricultora en pequeña escala, pero que nos da la posibilidad de mirar todo el proceso económico y de hablar con las trabajadoras. Entonces con Rodrigo decidimos hacer un trabajo conjunto, él para antropología y yo para economía. Entonces por eso digo que fue empírico, porque yo lo que hice fue hacer un trabajo antropológico muy intuitivo. Es decir, lo que hacía era entrevistar a las mujeres, tomar notas, observar lo que sucedía en el proceso mismo del trabajo y, una cosa que me interesaba desde el principio era como cuestionar la idea del trabajo y de la participación económica.

Irene: Nesses anos de graduação, a Mara tava flertando com o feminismo e pensando sobre uma questão que sempre foi central pros debates feministas: o lugar do trabalho reprodutivo, justamente para ser compreendido como trabalho o que se naturalizava como reprodução da vida. Ela teve professores e orientadores de pesquisa que são bastante reconhecidos, como Magdalena León e Orlando Fals Borda. A primeira, Magdalena Leon, é uma das primeiras sociólogas colombianas e Doutora Honoris Causa pela Universidad Nacional da Colômbia pelo seu papel pioneiro na investigação sociológica e feminista. O segundo, Orlando Fals Borda, é um dos fundadores da

Pesquisa-Ação, metodologia que eu amo! E ele é fundador do Departamento de Sociologia da UNAL. Então, dá pra ver que a Mara participou de pesquisas bem interessantes, como uma que ela contou pra gente sobre os direitos das trabalhadoras domésticas. No trabalho de campo, ela tinha um olhar muito sensível...

Mara: Entonces, creo que nosotras de alguna manera sostuvimos con nuestro trabajo el proyecto de Magdalena. Y, digamos, hacíamos entrevistas y pues allí muchas de las mujeres que llegaban eran mujeres racializadas y yo creo que yo era la única persona que era sensible a eso. Entonces, y de hecho ellas me buscaban también para las mujeres que eran afros o indígenas siempre querían hablar conmigo. Pues eso no se decía, pero eran cosas como que se hacían espontáneamente y yo aprendí mucho de ellas.

Irene: Aí, quando a Mara foi apresentar seu trabalho final de economia...

Mara: Entonces, pues fue como en ese contexto que yo hago mi trabajo, y que cuando presento mi trabajo pues me dicen “pero Mara, es que esto no es economía, eso es antropología.”

Irene: Ops! Ela mirou na economia, mas acabou fazendo um trabalho de antropologia, mesmo que de forma empírica e intuitiva. Bom, Mara recebeu um diploma de economista. Mas, como ela disse, ela trazia contextos políticos e feministas que vinham da sua própria história.

Mara: Pues digamos, estoy hablando para situarte también en el tiempo de los años 80. Yo llegué a la Universidad Nacional en el año 75, mi carrera comienza en el año 1975 y también me tocó un momento político bastante fuerte en la universidad.

Irene: A Mara era uma estudante e militante ativa, viu? Ela participava de muita coisa!

Mara: Y, dentro de las cosas distintas en las que yo participaba, era por una parte la militancia izquierdista y la militancia feminista. O sea, yo participé en la célula estudiantil trotskista con la cuarta internacional y también hice parte como de las disidencias feministas de la izquierda. También participaba en un grupo, que llamábamos de autoconciencia, donde a la vez leíamos, preparábamos comida juntas, hacíamos encuentros, conversábamos. También era el momento que se hablaba mucho de la sexualidad, es decir, es un momento, también, como muy rico. Yo creo que todo eso es importante decirlo porque es como el contexto pues que rodea también mi paso por la universidad.

¿Entonces, pues todas somos como, cómo decir? Nos hermanamos con la época.

Irene: Nos hermanamos com la época... Ao longo da entrevista, a Mara foi nos trazendo vários intelectuais que foram referências para sua trajetória e pro seu trabalho, desde a socióloga brasileira Mary García Castro, a teórica feminista estadunidense, Glória Anzaldúa, até Samir Amin, um economista egípcio neo-marxista. Mas, ela foi explicando pra gente, ao longo da entrevista, que suas reflexões teóricas também partem muito da sua experiência familiar.

Mara: Mi mamá, una mujer blanco mestiza del interior, como dicen en Colombia, o sea, una mujer de esta zona, de esta región, que se casa con un hombre norte caucano, mi padre un hombre negro. O sea, yo soy hija de una mamá que estudia tarde después de tener seis hijos, que se matricula en la universidad a los 40 años y que descubre como una niña a Michel Foucault. ¿Sí? Y que lo que hace en la hora del almuerzo es contar lo que ella está descubriendo. ¿Sí? Y pues mi papá no entiende, porque mi papá es médico. Pero él llega a su consultorio y llega esta señora, 40 años, fascinada con todo lo que descubre y nos recita la clase. Lo digo porque a mí muchas veces la gente me ¿bueno, pero por qué Michel Foucault? Digo, Michel Foucault tiene una resonancia afectiva para mí por mi mamá. Porque para mi mamá significó libertad, porque significó respuestas a preguntas que ella tenía frente a la vida y que no encontraba. Entonces ella también buscó respuestas teóricas a problemas más existenciales, de los que nunca me habló.

Irene: Aí, em um momento, a Clarissa perguntou pra Mara quando foi a primeira vez que ela entrou em contato com o feminismo.

Mara: O sea, yo conozco el feminismo en casa, como dije, pero a partir de la afirmación de de mi madre, como de sus búsquedas. Pero si quieres, digamos, a mí me regalan un libro cuando yo me gradúo de bachillerato, y es un libro de Angela Davis que se llama "Si Llegan por mí en la mañana." Ese es el libro de las cartas de la prisión. Y tengo, yo, 16 años y me acuerdo muchísimo de los poemas de ese libro. Y por primera vez encuentro poemas en que las mujeres se describen, es decir, describen a mujeres que se parecen a mí. Es vivir en un mundo en que muy pocas personas se parecen a mí físicamente.

Irene: A Mara foi estudar antropologia na Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais na França em 1983, um momento de "crise" da disciplina, onde a antropologia estava se questionando sobre seu próprio objeto de conhecimento. Era realmente uma virada literária da antropologia, um giro

interpretativo onde se debatia muito sobre os processos de escrita envolvidos na etnografia, sobre autoria etnográfica, experimentações com o texto... E a Mara passou a ter uma perspectiva cada vez mais interseccional...

Mara: Entonces, y eso es importante para la interseccionalidad, porque es que descubrir a Francia también y vivir como un estudiante, digamos, en ese momento eran pocos colombianos, de hecho yo era la única estudiante colombiana en ese momento en la escuela de altos estudios. Y yo, como sabía francés, me comuniqué muy rápidamente con todo el mundo francófono, es decir, con la gente de África del Norte, o sea, la gente del Magreb y con la gente del Sahel. Entonces tuve muchos amigos de otros mundos. Y eso es fundamental en mi historia.

Irene: A tese de doutorado da Mara na França foi sobre as representações sociais de saúde e doença em um município colombiano que tinha uma produção de rapaduras, que em castelhano são chamadas de panelas.

Mara: Mi tesis nunca habló en términos de interseccionalidad, pues yo me daba cuenta, lo que yo hice fue diferenciar las representaciones masculinas y femeninas de la salud y la enfermedad, pero también hablé de las diferencias entre lo rural y lo urbano.

Irene: A formação de Mara Viveros Vigoya vai desde a economia das floriculturas e sua antropologia intuitiva até a teoria francesa e as representações sociais. Ela estudou com professores clássicos da Colômbia e da França, mas as referências da sua mãe ressoavam afetivamente.

[Trilha sonora]

As vozes do coro ficam mais insistentes, ecoando como um feitiço, reforçadas pela percussão que intensifica seu compasso. A melodia se torna mais tensa.

A ella la querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar, tumbar, tumbar)

Por todo lo que sabía

BLOCO 2: ENCONTRO COM FRANKLIN

Irene: No final da década de 90, a Mara volta pra Colômbia e começa a lecionar na Universidade Nacional. Os debates de gênero e raça foram ganhando cada vez mais centralidade em seu trabalho.

Mara: Luego regreso a Colombia y hay un largo periodo en que yo trabajo efectivamente sobre salud sexual y reproductiva y donde el tema de etnicidad y raza por supuesto que brilla por su ausencia.

Irene: A Colômbia é uma nação muito diversa social e culturalmente. A composição étnico-racial do país compõe uma maioria de brancos mestiços, com mais de 80%. 10% se declara como afro-colombiana e 3,4% como ameríndia. A diversidade regional também é muito marcada na Colômbia, então as experiências de raça e gênero na região caribenha, por exemplo, podem ser bastante diferentes das regiões do Pacífico, ou da região da Amazônia. Considerando tudo isso, a Mara fez uma pesquisa muito importante sobre as masculinidades negras nas culturas regionais da Colômbia, o que resultou no livro, em castelhano, “De quebradores y cumplidores: Sobre hombres, masculinidades y relaciones de género en Colombia”, publicado em 2002.

Mara: Pero yo en ese momento, bueno, ya estaba trabajando sobre masculinidades y cuando empiezo a trabajar sobre masculinidades, ya no quiero trabajar sobre las masculinidades en general, sino las masculinidades en las culturas regionales en Colombia, entendiendo pues que Colombia es un país muy diverso. Pero si quieren más allá de eso, es que mi propia historia, o sea, siendo la hija de una mujer blancomestiza con muchas preguntas feministas y la hija de un hombre negro también con muchas preguntas sobre razas. Mi papá también fue, pues, militante de las causas negras muy pronto, o sea a los 23 años. A los 23 años él sale con otros jóvenes a protestar por los linchamientos que se están haciendo en Estados Unidos.

Irene: E aí, uma situação curiosa: a Mara nem sabia que o pai dela tinha se envolvido tanto com os movimentos de cultura negra. Até que, entre pesquisas e bibliotecas, o Franklin volta pra história de forma surpreendente.

Mara: Yo solo no sabía. Sí, yo lo supe y ahí vuelvo. [...] Se comunica con Franklin por Pietro Pisano. Pietro Pisano es un historiador italiano a quien conozco por Franklin y él está haciendo una investigación sobre el liderazgo político negro en Colombia.

Irene: Pietro Pisano, um historiador italiano, fazendo essa pesquisa sobre líderes políticos negros...

Franklin: Pietro fue mi pareja (risos) entonces, y él investigaba sobre movimiento negro en Colombia.

Irene: procurando registros documentais sobre a década de 40 e 60 na Colômbia, até que um dia...

Mara: Y un día, estando en la Biblioteca Nacional, encuentra un manifiesto que se llama “El Manifiesto del Club Negro” y ve que el presidente de ese club negro es Marino Viveros. Entonces le pregunta a Franklin si sabe quién es Marino Viveros, y pues él me llama y yo le digo: “es mi papá!”

[Risos coletivos]

Mara: o sea para ver cómo los hilos se juntan. Las trenzas que hacen la vida.

Irene: Pois é assim mesmo que os fios do tempo se juntam e se criam laços de amizade e pesquisa. A mãe da Mara, uma mulher branco-mestiça, que estudou Serviço Social e Sociologia na universidade. O pai, foi liderança de um coletivo negro quando jovem... É sobre ir compreendendo os caminhos da interseccionalidade na sua própria pesquisa. A Mara foi nos mostrando isso de forma muito bonita e inspiradora. E sobre pesquisas que não se fazem em solidão, mas que costumam as vozes dos nossos ancestrais com as perguntas de orientandos e colegas de trabalho, como o Franklin!

Franklin: Bueno, yo empecé a estudiar antropología a finales de los 90 y 99. Ahí conocí a Mara. Ella era profesora de organización e estructura social como parentesco. Y bueno, yo ahí leí autoras que creo que si no hubiera estado Mara no hubiera leído, Henrietta Moore y algunas antropólogas, digamos, que nos puso a leer Mara. Pero, creo que en el 2001, Mara estaba en un proyecto sobre hombres que tienen sexo con hombres y VIH y masculinidades. Y, bueno, yo terminé trabajando allí, porque creo que fue a su oficina, y le dice que quería trabajar con ella... y en uno, dos meses, estaba trabajando en un proyecto con Mara. Y yo sigo digamos trabajando en esa área, mucho tiempo estuve trabajando sobre salud sexual y reproductiva, VIH, trabajé mucho tiempo también en ese tema, no es lo que trabajo hoy en día, pero mucho tiempo estuve como en esa área.

Irene: Nessas investigações sobre masculinidades e saúde sexual e reprodutiva, e entre crises com a antropologia, por quê, afinal, que antropóloga não tem suas crises com a disciplina de vez em quando, né? Ou sempre hehehe. Bom, nesse caminho de pesquisas e questionamentos, o Franklin também foi conhecendo as antropologias de gênero e saúde feitas no Brasil.

Franklin: En esas búsquedas, yo creo que la relación con la Antropología es tensa, o sea, se encuentran cosas interesantes, pero también en mi caso, yo me reconcilé también con la Antropología, también como saliendo. Para mí fue muy importante conocer la Antropología brasileña en ese sentido. Cuando conocí que en la antropología brasileña, por ejemplo, la sexualidad era un interés antiguo y como que era legítimo de la disciplina, pues para mí fue una sorpresa.

Irene: Franklin, venga a Brasil!! rrsrs... Depois de trabalhar na área de gênero e saúde, o Franklin pesquisou junto com a Mara sobre as classes médias negras na Colômbia, aquela pesquisa que eu comentei lá no início.

Franklin: Digamos, los temas, otros temas que he trabajado tienen que ver con raza, racismo, también hay una relación ahí con Mara, con un proyecto que estuvimos un buen tiempo sobre clases medias negras, y en ese marco hice también mi tesis de maestría, que es sobre personas negras en sectores medios.

Irene: Além da obra “Raça, gênero e Ascensão social”, eles têm várias publicações que abordam as periferias, a colonialidade, a construção de subjetividades, processos de branqueamento social, os multiculturalismos. **Eles tão sempre em busca de intersecções entre raça, gênero, classe, geração...**

[Trilha sonora]

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criando um ritmo pulsante.

Irene: **É muito interessante** como nossas pesquisas são afetadas por nossas histórias...

Franklin: Pues es que somos nosotros, ¿sabes? Nosotros, nosotras y creo que ahí está un poco el encuentro con algo de la epistemología feminista, ¿no? Bueno, hablo por mí y yo creo que todas las cosas que hago tienen que ver conmigo. O sea, cuando trabajé sobre clases medias negras, porque me interesaba mi propio proceso de movilidad, pues un poco ya di algunos de los datos, o sea, qué significaba... O sea, es estudiando algo que aparentemente son otras personas, pero en realidad siempre mis preguntas de investigación han tenido que ver conmigo.

Irene: A partir de suas vivências, o Franklin foi dando sentido pras epistemologias feministas, pras alteridades...

Franklin: Mi tesis de doctorado fue sobre bares gays y tiene que ver con otra parte de mi historia que era yo, un poco mi historia en esos bares y la sociabilidad un poco ¿qué tiene que ver eso conmigo, no? Pues, digamos, con esa curiosidad sobre la otredad, pues es descubrir que la otredad soy yo. O sea, yo pensé que la otredad estaba en otra cosa, pero encarnaba como unos lugares de otredad y me interesaban mucho esos lugares, entenderlos.

Irene: Como o Franklin disse, ele foi encarnando os lugares de alteridade que ocupava e entendendo melhor suas histórias, suas pesquisas... Isso foi relevante na pesquisa sobre mobilidade social de pessoas negras na Colômbia.

Franklin: Aunque hay una diversidad también, incluso, digamos, en eso de la movilidad social, por ejemplo, en este proyecto yo sentí mucho eso, pues era más como conversaciones con personas que tenían historias parecidas a las nuestras, o no parecidas, pero que se encontraban en algún lado... En ese proceso investigativo de clases medias negras fue mucho eso, porque esa sí era una experiencia común, que las personas negras que se han movilizado socialmente, generalmente, lo voy a decir de esa manera, son el único negro o la única negra en algún espacio, en una empresa o en la universidad, o en cierto ámbito profesional. Y eso genera una experiencia particular. Nos interesaba mucho cómo compartir esa experiencia. En ese sentido, si, estamos hablando sobre nosotros y nosotras mismas.

Irene: Fomos refletindo juntas, ao longo da entrevista, sobre como as experiências de Mara e Franklin se costuravam entre epistemologias feministas, alteridades e escrituras...

Mara: Es muy interesante y muy impactante el momento en que descubres, y que podemos descubrir que la potencia no está tanto en, digamos, como la capacidad de manejar teorías, sino en la forma en que abordas esas teorías. En el cómo, en desde dónde, qué es un poco lo que también es decir, cuando salgo de la universidad en Francia, lo que me interesaba era mostrar que yo podía utilizar las teorías correctas para ser una antropóloga. Y pues eso ha ido perdiendo importancia, felizmente. Pero pues, tal vez por el hecho de ser una mujer negra, tenía que demostrar que era una buena antropóloga. Para... Además yo no soy antropóloga de pregrado, entonces incluso cuando llego a la universidad, la llegada a la universidad no es fácil. Entonces, volviendo a lo biográfico, yo creo que es muy potente cuando podemos hacer de nuestras propias historias como el material mismo de la reflexión.

Irene: Eu gostei muito dessa reflexão da Mara: a potência não está tanto na capacidade de manejar teorias, mas na forma de abordar essas teorias, no como, de onde se parte. Ela contou que trabalhos de outras mulheres negras latinas e caribenhas foram importantes pra ela compreender suas histórias pessoais como materiais de reflexão.

Mara: Entonces después de haber trabajado sobre Aimee Césaire, conozco a Suzanne Césaire. Y en este momento hago un trabajo también sobre ella, o sea, me interesa mucho entender el lugar de las mujeres en la negritud y pues también, es decir, la experiencia de las mujeres afrocaribeñas, pero también, por supuesto, todas las mujeres afrobrasileras y hoy afrocolombianas. Entonces, pues estoy pensando en Conceição Evaristo y la *escrevivência*.

Irene: As reflexões e afetos de Mara Viveros vão tecendo belas histórias, que vão desde o seu íntimo até, como ela defende no livro “As cores da masculinidade”, até a Nuestra América. Por sua trajetória interdisciplinar, ela teve de se provar antropóloga. Crescendo numa família miscigenada, foi identificando reflexos de sua trajetória na história de seu país. **Viver no limite é encontrar interseções no que outros buscam separar. É surpreender-se com histórias sobre sua família que nem mesmo você sabia.**

[Trilha sonora]

A percussão e as vozes criam um clima de resistência e desafio. A repetição da palavra “tumbar” se intensifica, como um martelar constante.

A ella la querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar, tumbar, tumbar)

Por todo lo que sabía

La querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar)

La querían bajar (tumbar, tumbar)

Tumbar, tumbar

Porque hacía lo que quería

BLOCO 3 - FUTUROS

Irene: Recontar nossas histórias é construir nossos futuros também. É definir novos interesses de investigação! A gente perguntou pro Franklin e pra Mara o que eles pensavam sobre o futuro.

Franklin: Y digamos más recientemente, en qué ando, ahora, estoy muy interesado como en los temas de deporte y género y sexualidad. Eso es lo que estoy haciendo ahora. Me invitaron a un ejercicio con gente que trabaja sobre estos temas y me pareció muy curioso, pero muy dicente también una de las categorías que estaban trabajando que tenía que ver, que se llama “desgaste de la diversidad”. Y que tiene que ver mucho con la fatiga que tienen ciertas personas con el tema de la diversidad. Hay un riesgo muy grande de que en el futuro los pocos espacios, espacios que se abran, vuelvan y se cierran. Entonces el futuro, yo creo que hay que tener esperanza, pero también preocupación.

Irene: Pra Mara, explorar a subjetividade de marcadores como a classe e a raça, também é como fazer trança entre os tempos. Refletir sobre tudo isso é também pensar na sua própria história.

Mara: Nosotros tenemos un [risos] manuscrito que se llama “Grandes esperanzas”, y yo siempre digo, yo digo que el título es porque es una esperanza hacer algo con eso. O sea, me gustaría encontrar una escritura, una forma de escritura que fuera a partir de expresar experiencias justamente de personas de clases medias, porque yo creo que la experiencia de clase se ha explorado muy poco desde el punto de vista de la subjetividad. Y, entonces, me importa mucho rastrear los procesos de subjetivación que produce el enclasmiento. Y a mí me parece importante, en esa reflexividad, lo digo porque es también mi propia historia...

Irene: A Mara olha pra esse processo de “enclasmiento”, de entrar ou ser incorporado por uma classe social. E percebe as questões mais subjetivas vivenciadas pelas pessoas.

Mara: ... esa reflexividad me acompaña constantemente y siempre me estoy preguntando eso, ¿qué ha significado mi enclasmiento? Ese enclasmiento implicó también un cierto blanqueamiento, es decir, mis referencias de lo negro llegaron por mi padre y no por mi madre. Yo no tengo la experiencia de haber sido peinada por una mamá que me sentaba así entre sus rodillas y que me tocaba el pelo.

[Trilha sonora]

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criando um ritmo pulsante.

Irene: alguns meses antes de nos encontrarmos pra gravar essa entrevista, a Mara tinha ido à Unicamp, que é a casa do Mundaréu, pra participar do Seminário de 30 anos do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Ela participou da Mesa de Abertura, junto com outras grandes intelectuais e ativistas feministas, como a Amelinha Teles, a Bila Sorj, a Lia Zanotta Machado, a Albertina Costa e a Nilma Lino Gomes. Eu fui lá assistir, o auditório tava cheio, você deve imaginar que foi um debate maravilhoso, né? E ficou gravado no youtube, o link tá na descrição do episódio!

Mara: Ir a Campinas fue muy interesante, por ver la diversidad a nivel de estudiantes. Al mismo tiempo, y lo digo con mesura, bueno, estaba Pagu celebrando, estaban conmemorando, como nosotras, tenemos 30 años de ciencia, historia del programa que dio origen a la escuela de estudios de género...

Irene: A Escola de Estudos de Gênero da Universidade Nacional da Colômbia foi fundada em 1994, no mesmo ano do PAGU, da Unicamp. Esses núcleos sempre estiveram em colaboração. A Mara foi coordenadora da Escola em 2016 e em 2022, e falou um pouco sobre isso na palestra dela. Eu fiquei muito encantada com o evento de celebração dos 30 anos do PAGU e de ouvir essas grandes referências. Eu penso que pros jovens, ou pra pessoas que estão iniciando a carreira acadêmica, a gente tem sede de conhecimento de antropólogas como Mara Viveros. Uma referência de antropóloga negra, latinoamericana, feminista, que dá contribuições fundamentais aos nossos tempos! O trabalho de Mara e de outras antropólogas latinoamericanas precisam ser mais traduzidas, precisam constar nos programas de curso de graduação e pós.

Mara: Y yo un poco cuando estuve en Campinas, veía muchas cosas que vibraban muy fuerte de parte de las/les estudiantes en términos de sexualidad y raza, pero una cosa fascinante era ver las mujeres trans negras. Entonces, esa interseccionalidad encarnada plantea preguntas muy fuertes al mundo académico. Y además estaba muy contenta de ver como la forma en que se respondían los grupos, las mujeres trans y digamos, la gente, de los movimientos negros, como hacia críticas comunes, que eso también es parte de lo que para mí es muy importante en la interseccionalidad: la posibilidad de construir, digamos, alianzas y de ir más lejos a partir justamente de esas demandas diferentes. Pero que se encuentran y que profundizan. Es decir, la interseccionalidad plantea la pregunta incómoda. Entonces la mujer trans le va a decir a la gente, el movimiento negro ¿bueno, y

hasta qué punto no eres transfóbico? Lo mismo en el movimiento trans, ¿hasta qué punto somos racistas?

Irene: A Mara vê que podemos colher aprendizados mútuos entre as experiências étnico-raciais e de gênero no Brasil e na Colômbia. Essas últimas preguntas da Mara explicitam a provocação colocada pela perspectiva da interseccionalidade. Podemos estar em lugares de opressão, digamos assim, né? Mas será que estamos atentas a todas as outras formas de opressão que também podemos exercer? É uma reflexão política muito interessante e muito contemporânea.

Mara: La otra cosa importante es la relación entre estudiantes indígenas y estudiantes afros, algo que también es muy nuevo en Brasil, en Colombia es muy nuevo. Porque para los estudiantes indígenas el tema del racismo también es un tema nuevo. Y es como si la raza fuera como el asunto de la gente negra, y la etnicidad el asunto de la gente indígena. Entonces, cuando yo estaba en Brasil, pues veía todo eso, pero yo decía pero: ah! están lejos con respecto a lo que yo sueño en la Escuela de Estudios de Género. Pero, sí, es importante la reflexividad desde una epistemología feminista, de una epistemología feminista que también sea antirracista, porque la epistemología feminista yo creo que, pues en el momento en que se crea no tiene esa pregunta, pero creo que las mujeres feministas de hoy, sí, tienen que tener esas preguntas, esas preguntas **pues descolonizadoras, decoloniales, antirracistas y también, por supuesto, anticapacitistas...**

[Trilha sonora]

Som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criando um ritmo pulsante.

Mara: Entonces creo que si hablamos de futuro, hay que hablar de un futuro que es complejo, un futuro que plantea preguntas, pues, realmente fuertes y en este sentido necesita respuestas radicales en un único sentido, devolverlo a la raíz.

Irene: Voltando pro começo, com o tema da água, passando pela economia e chegando na interseccionalidade, são temas que Mara conecta com o futuro.

Mara: O sea, estábamos hablando al principio del agua, del cambio climático y de todos estos temas que en la vida cotidiana afectan a las personas.

Mara: Creo que también está todos los retos precisamente que plantea vivir en este planeta de la

forma en que hemos vivido, eso tiene que ver con modelos de desarrollo...

Irene: De repente, a jovem Mara economista volta, mas cheia de interseccionalidade e sensível aos desafios colocados pelas mudanças climáticas e pela crise do capitalismo

Mara: ... me encanta como economista volver a pensar en el desarrollo [risos]. O sea, me hubiera gustado estar con los debates que hay hoy en la economía, precisamente pensando otros futuros, o sea, no tenemos que imaginar que el capitalismo es una obligación y es la doxa. O sea, entonces quiero decir, a nivel de futuro habría que radicalizar la interseccionalidad para entretejer preguntas que son muy diversas, **pero que atraviesan la vida cotidiana de las/les estudiantes que llegan a las universidades.**

[trilha sonora de fechamento]

Trecho igual do início em que o som de percussões tradicionais afro-caribenhas, criam um ritmo pulsante e hipnótico. Voz feminina intensa e cadenciada, carregada de força e misticismo:

Mama, a mí me decían la bruja...

Mama, a mí me decían la bruja...

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Mama, a mí me decían la bruja (no la va a tumbá, no la va a tumbá)

Fechamento

Irene: Nessa conversa, Mara nos impulsionou a pensar numa interseccionalidade radical, ao mesmo tempo que subjetiva. Para o futuro, a preocupação com as mudanças climáticas, com os jovens, e o anseio por perguntas que abalem as estruturas. Em suas grandes esperanças, está o fim do capitalismo e outras noções de desenvolvimento a partir de Nuestra América. O Franklin compartilhou com a gente como, entre pesquisas sobre raça, classe, gênero e sexualidade, a

intersecção era ele mesmo, a alteridade era ele mesmo. Ele deu a receita de ingredientes importantes no trabalho acadêmico: como o lugar de onde se parte, o compromisso com suas perguntas de pesquisa e a sensibilidade dos encontros.

Transição musical

Com tambores pulsantes e vozes firmes, a música cresce em intensidade enquanto uma mulher declara sua resistência, enquanto o coro ecoa seu poder em um ritmo hipnótico e ancestral.

Me venían diciendo (bruja)

Me querían quemar (bruja)

Ya no tengo miedo (bruja)

Me quité el disfraz (bruja)

Yo hago lo que quiero (bruja)

No me va a callar (bruja)

Muero en el intento (bruja)

De hacerme escuchar (bruja)

Irene: Esse foi o episódio “Nos hermanamos com la época”, com Mara Viveros Vigoya e Franklin Gil Hernandez, o primeiro episódio da série do Mundaréu na Colômbia. No próximo episódio, vamos conversar com uma antropóloga cuja trajetória está intimamente ligada com a própria história das lutas que a Colômbia vem vivendo. Vamos compreender um pouco mais sobre as manifestações que a Colômbia vivenciou recentemente, como o Paro Nacional e o estallido social.

Nosso encontro com Mara Viveros Vigoya e Franklin Gil Hernandez foi muito especial, agradecemos muito a eles pela entrevista. Agradecemos também à Tania Perez-Bustos por nos acompanhar em Bogotá e na produção desta série. Eu, Irene do Planalto Chemin, fiz o roteiro, a captação de áudio, montagem de áudio e a sonorização desse episódio. A Daniela Manica e a Tania Perez-Bustos fizeram edições no roteiro. A gente agradece à equipe do Mundaréu Clarissa Reche, Maxie Viana, Igor Pereira, Fernanda Mariath e Gabriel Marçal. A música tema da série é Bruja, de La Perla, uma cantora colombiana, independente, feminista, que faz um som muito massa.

A Série “Mundaréu na Colômbia” faz parte da pesquisa “Um mundaréu de histórias: Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”, financiada pela FAPESP. O Mundaréu é apoiado também pelo CNPq e pela Unicamp.